

# CADERNO DE SUGESTÕES

Livro **Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena**

## **Autoria**

**Maria Fátima da Fonseca**  
Especialista do Instituto Avisa Lá

## **Coordenação**

**Ana Carolina Carvalho**  
**Érica de Faria Dutra**  
Coordenadoras do Instituto Avisa Lá

# CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

## **Livro**

*Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*

## **Autoras**

Eliane Potiguara; Naine Terena; Glicéria Tupinambá; Márcia Mura; Chirley Maria Pankará; Auritha Tabajara; Bruna Karipuna; Lidiane Damaceno Krenak; Telma Taurepang; Simone Karajá; Vanessa Kaingang; Trudruá Dorrico

## **Organizadores**

Trudruá Dorrico

Mauricio Negro

## **Ilustrador**

Mauricio Negro

## **Gênero literário**

Conto

## **Conteúdo**

Instituto Avisa Lá

## **Revisão**

Angela das Neves

Ana Luiza Couto

# SUMÁRIO

<b>Carta de apresentação</b> .....	<b>IV</b>
<b>Por que ler <i>Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena</i>?</b> .....	<b>V</b>
Quem organizou, escreveu e ilustrou este livro .....	<b>V</b>
Relevância da obra .....	<b>VI</b>
Contribuição deste livro para a formação leitora .....	<b>VII</b>
<b>Propostas de mediação</b> .....	<b>IX</b>
A mediação de leitura com pessoas jovens e adultas .....	<b>IX</b>
O gênero conto .....	<b>IX</b>
Literaturas indígenas e chaves de leitura .....	<b>XII</b>
As ilustrações .....	<b>XIV</b>
Indo além dos textos informativos .....	<b>XV</b>
<b>Atividades e projetos literários</b> .....	<b>XV</b>
Atividades	
Indígena ou índio? .....	<b>XV</b>
Sessões de leitura .....	<b>XVII</b>
Conhecendo mais sobre nossa história .....	<b>XVII</b>
Projetos	
Antologia de contos indígenas .....	<b>XVII</b>
Clube de leitura - Literaturas indígenas .....	<b>XVIII</b>
<b>Recursos complementares</b> .....	<b>XIX</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>XX</b>

# CARTA DE APRESENTAÇÃO

## **Caro(a) educador(a) mediador(a),**

Este *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* contribui para sua mediação de leitura, com propostas e informações sobre *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena* para os leitores do segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) — Anos Finais do Ensino Fundamental. Começa com uma apresentação do livro, das autoras e dos organizadores, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos em escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação da leitura por meio de caminhos para mergulhar no livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e a bibliografia que fundamentou a elaboração deste material.

*Originárias*, antologia organizada por Trudruá Dorrico e Mauricio Negro, cumpre o papel de tornar acessíveis as histórias e a cultura dos povos originários por meio da literatura indígena. A fim de promover a equidade na educação, a literatura se mostra essencial para garantir que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas. Cada escritora dessa antologia conta ou (re)conta vivências, crenças e modos de vida de seu povo de origem, aspectos que marcam suas identidades. Ao mesmo tempo, a diversidade assegurada por essas histórias desmistifica a ideia de uma história única atribuída à população indígena do nosso país, reforçando o aspecto democrático da literatura.

Para leitores da EJA e das bibliotecas escolares, públicas e comunitárias, que têm trajetórias diversas e por vezes marcadas por vasta bagagem, a experiência literária é tanto um instrumental para o trabalho com a linguagem e o desenvolvimento crítico, quanto espaço de reconhecimento e pertencimento. É por meio dela que experiências individuais ganham contornos universais, promovendo reflexão, empatia e transformação.

Este *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas brasileiras e outros espaços educativos.

Desejamos que essa leitura inspire caminhos e promova diálogos férteis, reafirmando a literatura como um espaço de resistência, pertencimento e equidade.

**Bom trabalho!**

## POR QUE LER ORIGINÁRIAS: UMA ANTOLOGIA FEMININA DE LITERATURA INDÍGENA?

Esta obra permite conhecer mais acerca das culturas indígenas que dão sentido ao mundo de doze escritoras indígenas e suas narrativas, que contribuem para ampliarmos nossos conhecimentos sobre a história e a cultura que caracterizam a formação da população brasileira, como preconiza a Lei nº 11.645/2008 (Brasil, 2008).

O critério principal para a organização desta antologia é o fato de ter sido escrita apenas por mulheres indígenas — professoras, mestras, doutoras, pesquisadoras, poetas, ativistas, com reconhecimento nacional e internacional — que, por meio de seus textos, rompem com imagens da cultura indígena e ancestral estereotipadas e empobrecidas geralmente perpetuadas em nossa cultura. Assim, por meio da literatura, essas mulheres contribuem para o (re)conhecimento de seus respectivos povos, para a continuidade de suas memórias e, dessa forma, reescrevem o mundo. São vozes que merecem ser ouvidas e lidas com atenção.

### Quem organizou, escreveu e ilustrou este livro

*Originárias* foi organizado por Trudruá Dorrico, autora de um dos contos, e por Mauricio Negro, que também é o ilustrador da obra. Assinam ainda os contos as escritoras: Eliane Potiguara, Naine Terena, Glicéria Tupinambá, Márcia Mura, Chirley Maria Pankará, Auritha Tabajara, Bruna Karipuna, Lidiane Damaceno Krenak, Telma Taurepang, Simone Karajá e Vanessa Kaingang. Como o sobrenome indica, todas são escritoras descendentes dos povos originários, aqueles que “estavam aqui muito antes de o Brasil constituir-se Estado-nação e instituir a língua portuguesa como oficial” (p. 8).

A escolha do sobrenome pelas autoras não é algo aleatório, mas um alinhamento da literatura indígena com os movimentos de luta e resistência desses povos por um reconhecimento nacional. Trata-se de um posicionamento político e da compreensão de que é preciso reforçar a identidade desses povos neste país, entendendo que “a linguagem não é apenas um instrumento para falar sobre a realidade, mas também para construí-la” (Munita, 2024, p. 28). Além disso, autodenominar-se é uma maneira de recobrar a pluralidade ancestral, social, cultural, espiritual e linguística dos povos e entre os povos, desmistificando ideias que tendem a concebê-los como bloco único.

Assim, conhecer mais a respeito de cada uma das autoras desta antologia e dos povos ao qual pertencem compõe a experiência estética e literária desta leitura. Há informações sobre o povo do qual descendem, suas geografias de vida (onde nasceram, lugares por onde passaram e onde residem atualmente), suas trajetórias profissionais, acadêmicas e ativismos.

Mauricio Negro, homem branco, que organizou e ilustrou a obra, não se furta à responsabilidade de contribuir para a construção de um mundo mais ancorado na equidade, na dignidade, na pluralidade e na justiça social. Ele reconhece nas cosmologias dos povos originários e afro-brasileiros horizontes que podem guiar nossos destinos como humanidade. Além de artista, é pesquisador, escritor e *designer*, atuando especialmente na gestão e consultoria de projetos com viés identitário e socioambiental, ligados à diversidade brasileira. Recebeu diversos prêmios e certificações, como o White Ravens, o prêmio literário internacional Noma e o Jabuti.

## Relevância da obra

Ao trazer a temática indígena por meio da literatura, esta obra se torna fundamental para a formação leitora de jovens e adultos por contribuir para sua ampliação da visão de mundo e possibilitar reflexões sobre nossa diversidade pluriétnica por intermédio das histórias e culturas pouco conhecidas.

São doze contos ou (re)contos de povos que já estavam aqui antes da chegada dos europeus. Daí o título *Originárias*: porque as mulheres escritoras desses contos “representam a continuidade dos primeiros povos que pisaram esse nosso chão, como lembram o cacique Raoni Metuktire e Sônia Guajajara”, conforme explica uma das organizadoras, Trudruá Dorrico, no texto de apresentação (p. 8). Trata-se de literatura indígena escrita por mulheres indígenas que assumem sua etnia, marcando a luta e a resistência desses povos. Por meio delas, além de saber mais sobre esses mundos, sua organização, suas relações com o sagrado, com a terra, de forma literária e poética, também podemos romper com imagens pejorativas e empobrecidas que dominaram por muitos anos a história brasileira. Como neste trecho do relato do povo tabajara “A onça pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos”, que explica como a organização das aldeias tinha relação com a natureza:

Dizem os nossos velhos, e assim conta a minha avó, que antigamente a nossa aldeia tinha o formato de um grande Sol. Seguindo a orientação do Sol, as casas eram construídas com a frente para o leste, onde é o nascente; e a parte de trás para o oeste, onde é o poente. Era assim para poder indicar o caminho certo dos rios e da floresta (p. 73).

No contexto da escola e das bibliotecas públicas e comunitárias, esta obra contribui para formar o leitor-fruidor, levando em conta o que aponta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Para que a função utilitária da literatura — e da arte em geral — possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor — e, portanto, garantir a formação de — um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2018, p. 138).

*Originárias* contribui para essa formação leitora que ressalta a linguagem como expressão de subjetividades e identidades ao recontar histórias que passam de geração para geração a fim de expressar os valores ancestrais desses povos, sua relação com a floresta, com o sagrado, escapando de preceitos utilitaristas e moralizantes e reforçando a importância do desenvolvimento do senso estético tanto nos espaços escolares como nas bibliotecas públicas e comunitárias.

## Contribuição deste livro para a formação leitora

*Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena* propõe uma revisão importante à história nacional, revelando de que modo um pretense sistema de valores, crenças e costumes dominante se impôs no país em detrimento de outras narrativas.

Assim, transforma o objeto histórico colonial “livro” em um gesto de resistência protagonizado por pessoas que por séculos tiveram as vozes silenciadas e as histórias mal contadas: povos que, embora nativos da terra, foram tratados como o Outro.

Quando as histórias deixam de ser narradas apenas pelo homem branco, outras perspectivas e formas de representação começam a ter espaço no imaginário coletivo, ampliando a visão de mundo, a linguagem para além da língua e dos modos de dizer do colonizador e abrindo espaços para novos elementos literários, como neste trecho do conto do povo Kinikinau sobre a figura do herói:

Quantas histórias de heróis e de batalhas você já leu ou ouviu? Eu conheço muitas, daquelas que, quando não têm um herói, têm uma heroína. [...] é uma história de um herói, digamos, diferente. Os heróis que a gente conhece costumam viver aventuras solitárias ou são acompanhados por uma mascote animal em fugas inesperadas ou em estratégias de combate ao inimigo. Pois bem, o herói que mencionei até teve a ajuda de alguns animais. Mas seus parceiros pertenciam a outro universo. Além disso, também teve muitos aliados, que o ajudaram a enfrentar uma grande batalha (p. 25).

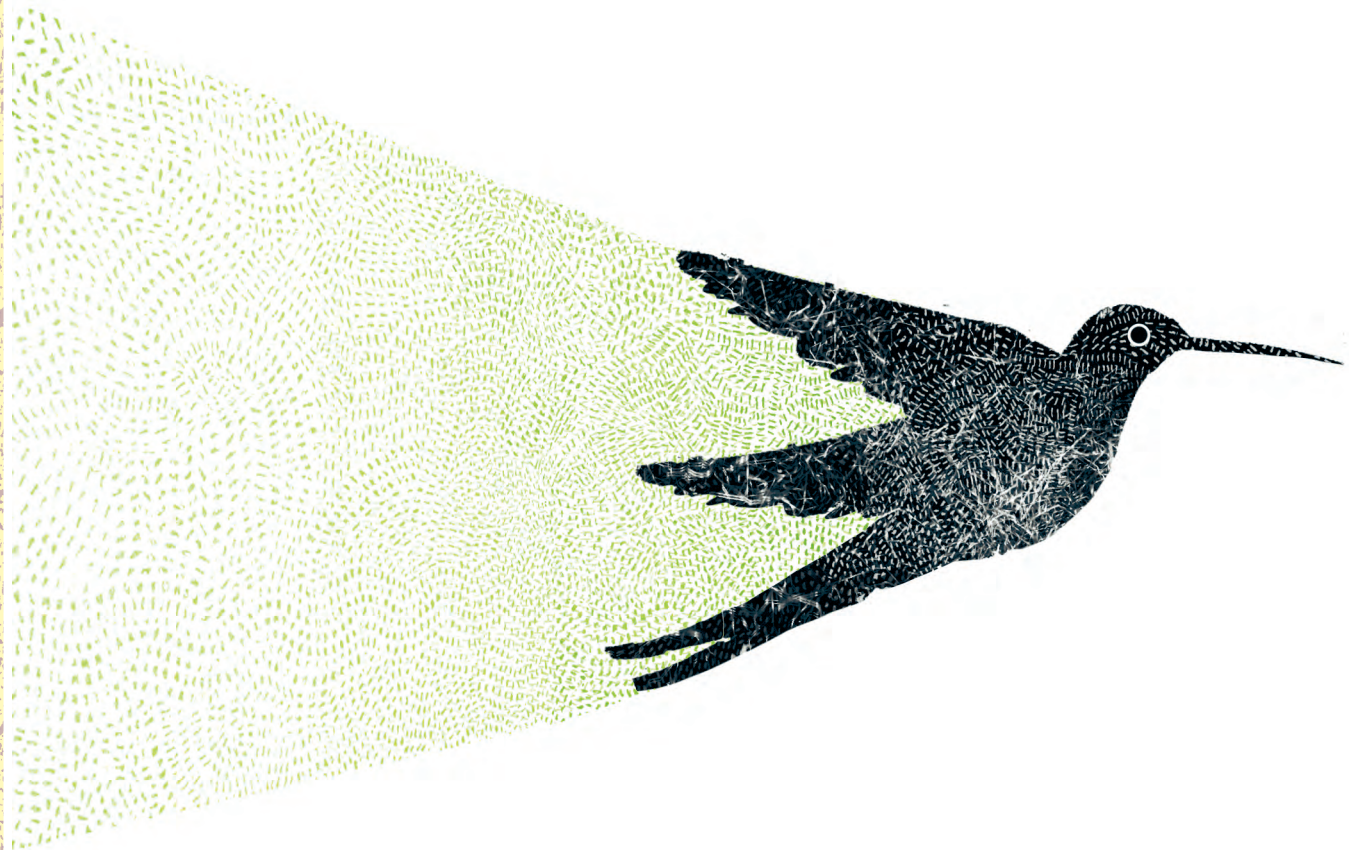
Por meio da literatura, essas mulheres indígenas podem apresentar vivências, saberes e fazeres do universo feminino, oportunizando que essas experiências e pontos de vista também tenham lugar e vez. Falamos daquilo que é sagrado e feminino, o que marca também o recorte desta antologia, como vemos nos trechos de alguns contos:

Sou eu que **acalanto** as crianças quando sentem fome e dor. Sou eu que ajudo as mães e os bebês na hora do nascimento. Sou eu que tiro as dores do parto e dou paz à natureza. E sou também a filha e a irmã de coração que dá intuição às meninas, às jovens, às mulheres, às viúvas, às trabalhadoras, às anciãs. A todas fortaleço (p. 15).

Minha avó conta que devemos respeitar os rios, igarapés e florestas. Certo dia, ela me disse que Ubani só foi para o fundo do rio porque estava em seu período menstrual, que na nossa língua chamamos de **djispoze**. Nesse tempo da mulher, devemos ficar de resguardo e respeitar os lugares sagrados (p. 90).

Dessa forma, a acepção de “diferenças” aqui não tem as conotações históricas que criaram assimetrias entre sujeitos e grupos sociais atribuindo-lhes maior ou menor valor. Ao contrário, vai ao encontro da ideia da pluralidade como algo positivo, ao reconhecer as “diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade” (Brasil, 2018, p. 156).

Portanto, este é o tipo de obra que apresenta potencial para que adolescentes, jovens e adultos exercitem em seu cotidiano o princípio da *alteridade*, uma vez que possibilita uma aproximação a esses diferentes povos representados na obra, conhecendo seus valores, seus modos de ser e de viver e, principalmente, reconhecendo suas singularidades por meio de suas próprias histórias, de forma a oportunizar o reconhecimento da humanidade que reside no outro como algo que existe em si próprio.



# PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

## A mediação de leitura com pessoas jovens e adultas

Ao considerar a diversidade de leitores — adolescentes, jovens, adultos e idosos —, é essencial reconhecer que muitos podem ter tido experiências leitoras pouco exitosas, o que exige ajustes na mediação. Talvez alguns idealizem a leitura como algo sempre prazeroso e, ao enfrentarem dificuldades, sintam que “não é para eles”. Por isso, é importante manter uma escuta atenta e acolhedora.

Nesse contexto, a leitura compartilhada pode ser uma escolha assertiva, uma vez que, nessa situação, todos os leitores precisam estar com o livro em mãos. É importante que você leia antecipadamente os (re)contos que serão compartilhados e planeje questões para potencializar a conversa, tendo em vista estabelecer uma ponte entre o livro e os leitores. Como aponta a doutora em ciência da educação Teresa Colomer:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (2007, p. 143).

Pode ser interessante alternar as sessões de leitura compartilhada com situações de leitura individual de alguns (re)contos, de forma que o compartilhar contribua para o encorajamento ao desafio solitário do contato entre o leitor e a obra, no tempo de cada leitor, o que é imprescindível para a formação leitora.

A formação de leitores requer a criação de um ambiente regado a escuta e trocas, sempre considerando o repertório, as trajetórias leitoras, os pensamentos e as sensações, as hipóteses e inferências desses leitores. Pressupõe um espaço aberto para dúvidas, argumentações e contrapontos, para intertextualidades com outros livros ou linguagens artísticas. Essa é uma maneira de contribuir com a formação de leitores críticos e sensíveis que não permanecem passivos diante de um livro.

## O gênero conto

O livro traz narrativas pertencentes ao gênero conto, viabilizando diferentes ritmos de leitura, além de proporcionar ao(à) educador(a) mediador(a) múltiplas possibilidades de trabalho com a leitura, já que se pode, por exemplo, selecionar um ou mais contos a serem lidos de cada vez, de acordo com cada proposta. Além disso, há outras características desse gênero que são importantes considerar na mediação da leitura:

Em contraste com o romance, que geralmente é mais longo, o conto é mais curto [...]. Essa característica de síntese traz outras: (i) número reduzido de personagens ou tipos; (ii) esquema temporal e ambiental econômico, muitas vezes, restrito; (iii) uma ou poucas ações, concentrando os eventos e não permitindo intrigas secundárias, como no romance [...] (Costa, 2020, p. 86-87).

O conto pode ser tomado como um microcosmo social, onde estão comprimidos, de modo ficcional e em um curto espaço, conflitos e impasses da vida. A brevidade e a síntese desse gênero podem também nos impelir a ler um conto mais de uma vez, buscando no texto o que foi perdido no tempo acelerado da narrativa. Tal dinamismo tem um sabor contemporâneo, o que é apreciado por muitos jovens e adultos.

Já o termo “reconto” lembra a natureza oral e coletiva das histórias. Recontar é uma prática social que reconstrói ou ressignifica oralmente um conto preexistente: uma narrativa inaugural se transmuta com o tempo, à medida que os sujeitos e as comunidades dividem histórias com seus membros. Embora tais transformações ocorram na forma e no conteúdo narrado, há certos princípios e valores que são conservados, permitindo que a narrativa seja reconhecida pela comunidade que lhe atribui sentido.

Ao ler os contos e recontos desta obra, é possível que pessoas jovens e adultas associem esses textos às lendas, outro gênero bastante popular. A esse respeito, encontramos na própria antologia um importante alerta ao leitor da literatura indígena. Marcia Mura, uma das autoras, em seu texto “Uruapeara, a pirarara encantada, o mapinguari e o pajé que se tornou cobra-grande”, finaliza o reconto assim:

Partilho tudo isso para evidenciar que não temos lendas. Temos nosso próprio modo de compreender, narrar e interpretar o mundo, do qual os encantados participam e que, apesar da colonização, é configurado antes pela percepção indígena ancestral. Os encantados estão entre nós! **Nemeguer!** (p. 52).

Assim, faz-se importante a definição do gênero lenda, que, segundo Costa (2020, p. 158) se trata de: “narrativa ou credence acerca de seres maravilhosos ou encantatórios, de origem humana ou não, existente no imaginário popular”, compreendendo que os contos e recontos desta obra são histórias que, ainda que recorram ao mágico, ao encantamento, contam a cosmologia e a subjetividade de seus povos.



Trudruá Dorrico, na Jornada Pedagógica “Percurso de leitura na escola e transversalidades: Literatura na diversidade”, no canal Companhia na Educação, na internet, apresentou cinco eixos orientadores que podem nos ajudar a identificar e compreender melhor esses textos:

- **autoria:** um eixo central, assegura o protagonismo do corpo indígena no acesso à lei de direito autoral, moral e patrimonial;
- **identidade/nacionalidade:** foi a Constituição Federal de 1988 que assegurou o direito à identidade indígena (referente ao povo de origem, por exemplo: Macuxi e Tupinambá) e à nacionalidade brasileira, que, por exemplo, dá direito a todo indígena a ter todos os documentos como qualquer brasileiro;
- **cosmologia:** reconto das histórias de origem e que fazem parte da propriedade coletiva dos povos originários;
- **política:** ficção com referência aos mundos indígenas, tais como nomes, língua, territórios, histórias (tempo colonial), memória coletiva, entre outros;
- **subjetividade:** discussão referente aos mundos humanos (morte, amor, casamento) e não humanos (perceber humanidade nas florestas, nos rios, nas pedras).

Podemos identificar esses eixos nos diferentes contos e recontos de *Originárias*. Vejamos alguns exemplos com base no reconto do povo kinikinau, “A história de Paká” (p. 23):

- **autoria:** assim como todos os contos e recontos desta obra, Naine Terena é a autora, ela é do povo terena e há notícias de que o povo kinikinau também habita aldeias terena, como os textos relativos a esses povos informam;
- **identidade/nacionalidade:** refere-se ao povo de origem; nesse caso, os povos kinikinau e terena;
- **cosmologia:** a narrativa conta a jornada de um herói do povo kinikinau, celebrado por sua astúcia e coragem através das gerações;
- **política:** uma ficção que fala de uma guerra entre países e revela o modo como o povo kinikinau lida com ela, mesmo sem compreendê-la, como lemos no trecho:

Quando souberam da grande guerra, tentaram compreender por que aquilo estava acontecendo. Por que um país queria invadir o outro? Por que tirar a terra dos vizinhos? Por que os soldados armados feriam tanta gente? Não teria sido melhor brincar num quintal florido com seus filhos? Por que desejavam controlar o acesso ao rio? Eram muitas perguntas sem boas respostas (p. 25).

- **subjetividade:** Paká, o herói desta narrativa, é diferente daqueles que muitos conhecem, como podemos observar neste trecho em que há uma conversa com o leitor:

Talvez o leitor que me acompanha considere esta narrativa sem sentido, sem graça ou sem pés nem cabeça. Afinal, como pode existir uma aventura heroica sem luta, reviravoltas, sem confrontos entre o bem e o mal? Acontece que a narrativa não termina assim. Apenas chegamos àquele ponto em que o bem disputa com o mal em nome da sobrevivência. O mal, é claro, era a guerra que ameaçava a aldeia de Paká. Há coisa pior do que promover a fome? O grande feito de Paká foi vencer a fome causada por uma guerra injusta (p. 28).

Paká vê animais no céu, entre eles uma ema, que faz movimentos como se dançasse para o jovem. Ele começa, então, a repetir os movimentos e percebe que poderiam ser úteis. Assim, um dia, ensina a dança aos amigos guardiões, que, quanto mais se movimentavam, mais fortes ficavam. “Eram movimentos que exercitavam tanto o corpo quanto a mente. Traziam uma alegria que os fortalecia” (p. 29-30). Essa simbologia aparece na ilustração do herói Paká que abre o conto (p. 22).

Apesar de serem histórias que se originam na tradição oral, há um evidente trabalho autoral com a linguagem escrita a fim de apresentá-las de forma a expressarem a cosmologia e a subjetividade de seus povos, utilizando a ficção também como denúncia dos territórios invadidos e corpos ameaçados.

## Literaturas indígenas e chaves de leitura

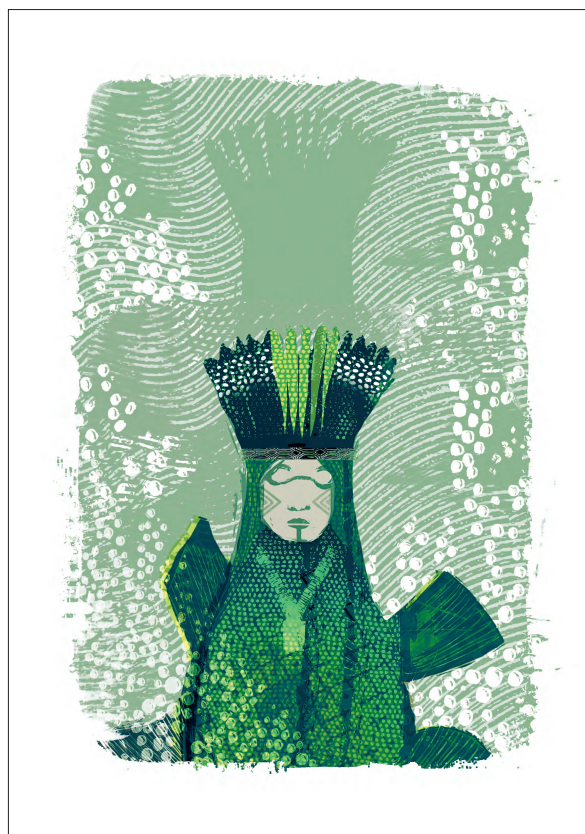
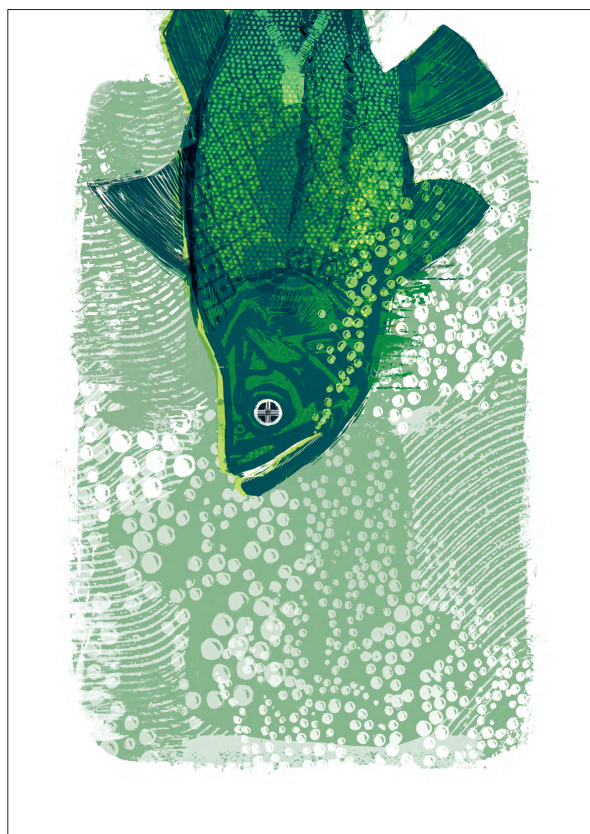
Os eixos das literaturas indígenas podem indicar como explorar essa obra com os leitores, definindo as chamadas chaves de leitura. Há muitas formas de adentrar um livro, como indica a crítica literária argentina Cecilia Bajour:

[...] Os modos específicos de entrar nos textos podem partir de algumas chaves que cada livro sugira, ou de algum aspecto que se queira destacar ou no qual se queira intervir para construção de saberes literários (2012, p. 63-64).

Bajour também explica que, por mais que o(a) educador(a) mediador(a) se prepare para antecipar construções de sentido de um texto, ninguém é capaz de prever todas as construções possíveis, pois os leitores também podem encontrar outras chaves de leitura. Aqui estão alguns exemplos de chaves de leitura para as narrativas de *Originárias*, que podem ser acessadas por meio:

- das ilustrações, convidando os leitores a explorarem desde a capa e aberturas dos povos e dos contos, até os detalhes encontrados ao folhear o livro (uso das cores, vinhetas, diálogo entre as ilustrações);

- das autorias e de como elas representam cada povo indígena, chave que também se converte na participação democrática no campo da literatura, uma vez que, nesta obra, os povos indígenas, seus costumes, sua história etc. não são objetos de estudo nem de análise; ao contrário, integrantes dos povos originários protagonizam a escrita da própria história;
- de narrativas já conhecidas pelos leitores e suas características, se são textos mais estereotipados, folclóricos e em que diferem dos contos e recontos desta antologia;
- da cosmologia e da subjetividade dos povos originários, o que a mediação pode ressaltar diferenciando esses aspectos em relação às lendas, por exemplo;
- da política, conversando a respeito de como esses contos ampliam nossa compreensão dos modos de vida desses povos, suas histórias, lutas e resistência;
- dos textos informativos ao longo da antologia, que contextualizam as narrativas e abordam preconceitos e injustiças que acometem os povos indígenas: o que o conto revela sobre os modos de vida e a forma de compreender o mundo característica daquele povo? Onde estão esses povos? Sugerimos enfatizar que estão espalhados por todo o território nacional, e não apenas na Amazônia, como ainda alguns acreditam.



Ilustrações do reconto “Ubani e Pirapema” (p. 84 e 88). Embora possam ser interpretadas isoladamente, conversam entre si, pois a segunda é continuidade da primeira, formando o corpo inteiro do peixe. Esse recurso aguça a curiosidade do leitor, constituindo-se, assim, uma chave de leitura.

## As ilustrações

Mauricio Negro, além de organizador, ilustrou o livro *Originárias* e trouxe potência estética literária para a obra. Como as ilustrações convidam a adentrar o mundo dos povos indígenas sobre os quais, muitas vezes, temos pouca informação?

Frequentemente, leitores pouco experientes ou com experiências diversas de leitura podem ignorar essas imagens, com a ideia de que são apenas ilustrativas. Entretanto, elas contribuem para outros mergulhos na leitura.

O que acontece ao observar, uma a uma, as duplas de páginas que separam os contos, demarcando a narrativa de cada povo? Você percebeu a sequência de imagens que elas formam, viu o rio em movimento? A sequência imagética parece nos guiar para essa viagem de descoberta e, a partir de um momento, começa a nos chamar a atenção para os detalhes do caminho. Que tal retomá-la e propor aos leitores esse exercício de observação? Que detalhes as imagens mostram? Quais espécies de seres vivos as compõem? Quais sensações provocam nos leitores? Como representam a passagem do tempo? Será que é um tempo que passa rápido ou lentamente? Percebeu sua transição a partir dos efeitos do claro e do escuro, indicando o dia que nasce, a tarde que pausa e a noite que chega? Mauricio faz tudo isso com recursos visuais e gráficos que marcam uma temporalidade regida pelo Sol e pela Lua. Como foi o mergulho nessas sutilezas?

A técnica usada nas ilustrações chama-se monotipia: o ilustrador fez camadas e mais camadas de imagens e as digitalizou separadamente. Ao final dessa composição, vieram os acabamentos e incrementos de cores. Tudo isso de forma digital.

Mauricio concebeu as ilustrações com base em uma pesquisa minuciosa dos referenciais iconográficos e simbólicos que envolvem a tradição de cada povo: cada detalhe gráfico revela algo de determinado povo. Os grafismos utilizados para destacar títulos e subtítulos são diferentes para cada povo originário, o que demonstra que cada povo tem uma identidade própria. Além disso, as ilustrações utilizadas em cada uma das narrativas também contribuem para a imersão dos leitores nos modos de vida, convidando a observar a natureza, o que para muitos pode ser algo incomum.

Observe, por exemplo, na ilustração que abre o primeiro conto “Omáua, a menina que mora no fundo dos rios” (p. 13), o quanto seu sentido se evidencia e ganha força conforme vamos conhecendo a história da “filha espiritual do Rio Amazonas”, ou então a ilustração que abre o reconto do povo macuxi, “O caçador e o curupira” (p. 137), que remete à força do Curupira — cuja imagem é projetada sobre o jovem caçador —, o avô protetor das matas para os Macuxi, diferente do personagem folclórico que conhecemos. Na ilustração, também conseguimos observar o jamanxim, o cesto cargueiro de cabeça utilizado até hoje para carregar a caça.

## Indo além dos textos informativos

Ao final de cada história, há um texto com função informativa sobre o povo ao qual a narrativa pertence, o que possibilita saber mais sobre seus aspectos geográficos, históricos, culturais, sociais, espirituais e linguísticos. Há também um glossário com as palavras indígenas destacadas nas histórias, com a respectiva tradução para o português e uma biografia mais detalhada de cada autora. Essas informações se complementam no sentido do que se propõe a literatura indígena:

Vencer os preconceitos comumente correntes de visões estereotipadas que projetam os povos indígenas em um passado remoto nos confins de florestas intocadas, atentando para a complexidade e diversidade de situações vivenciadas por estes povos no pretérito e/ou no presente, são alguns dos resultados esperados na implementação da lei [lei n. 11.645/2008] (Nascimento, 2021, p. 14).

Assim, essas informações não devem ser vistas apenas como algo a mais que pode ser ignorado na experiência leitora desta obra; antes, é preciso compreender a importância que elas têm frente a todos os preconceitos e injustiças enfrentados pelos povos indígenas.

## ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

A proposta de leitura nas escolas e nas bibliotecas públicas ou comunitárias, embora tenha muitos pontos em comum, apresenta diferenças importantes. Na escola, a leitura literária é articulada ao currículo e à progressão das aprendizagens leitoras, muitas vezes por meio de leituras recomendadas. Além disso, tanto em sala de aula como na biblioteca escolar, há um acompanhamento contínuo do grupo de leitores, o que permite observar sua trajetória de leituras ao longo do tempo. Já nas bibliotecas públicas e comunitárias, a composição dos grupos é flexível, com participação variável e maior diversidade de perfis. Todos os contextos compartilham o objetivo de formar leitores críticos e autônomos, fortalecendo uma relação duradoura com a leitura. As sugestões de atividades e projetos deste caderno visam ampliar sentidos construídos na leitura e podem ser ajustadas a cada situação.

### Atividade Indígena ou índio?

Uma discussão bastante oportuna que você pode propor é acerca dos preconceitos e da discriminação que os povos indígenas enfrentam. Essa é uma temática bastante sensível, mas a leitura de *Originárias* possibilita abrir espaços para essa conversa, sem a intenção de definir ou fechar posições, mas sim de refletir sobre essas questões. Quais ideias temos dos povos indígenas? O que sabemos sobre eles?

Você pode perguntar: “indígenas” ou “índios”, qual é o termo mais adequado? Por quê? Na sequência, sugerimos ler o artigo: “Índigena ou índio? Por que você não deve usar o segundo termo”, que explica, de forma resumida, por que utilizar o termo “indígena” em vez de “índio” e aponta para uma utilização ainda mais adequada: “povos originários”, remetendo à ideia de que são os povos que deram origem a este país.

Após essa discussão inicial, você pode propor a leitura compartilhada do relato do povo kinikinau, “A história de Paká”, a fim de abordar os modos de viver, de ser, dos valores e crenças desse povo, como uma possibilidade de valorizar o respeito às diferenças entre os povos e compreender de onde vem o preconceito contra aqueles que, de alguma forma, são diferentes de nós. Sugerimos algumas perguntas norteadoras: como o narrador descreve o lugar onde Paká mora? O que é uma aldeia? Como, no relato, ela se contrapõe a outras estruturas de moradia e vivência em comunidade? Como esse povo subsiste? Quando Paká se dirige ao comandante de um dos países em conflito, como explica onde fica a aldeia de seu povo?

O relato pode oportunizar a inferência de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo nos textos literários, além de como estes nos possibilitam múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas dos povos originários, considerando a importância de que essas histórias sejam escritas pelas próprias indígenas sem que outros assumam sua palavra.

## Atividade **Sessões de leitura**

Você pode realizar sessões com situações diversas de leitura: em alguns momentos, os leitores jovens e adultos podem ouvir a leitura em voz alta realizada por você, acompanhando-a com o livro em mãos, se possível; outras vezes, podem reler com mais autonomia, detendo-se nas páginas que escolherem, indo e voltando, conforme necessário; podem partilhar impressões entre si, ampliando suas percepções, e ainda pode haver situações em que estabeleçam relações com outras obras.

Como se trata de (re)contos, você não precisa se ater à sequência do sumário da obra. Uma possibilidade é iniciar pela leitura de “Nãna e os potes de barro”, do povo pankará. Esse é um conto poético tanto pela história da produção dos potes de barro, quanto pela linguagem. Por exemplo, é interessante atentar para as formas de indicar o tempo, como nestes dois trechos: “Todo mundo em nossa família acordava bem cedinho todos os dias. Quando saíamos de casa, até dava para ver o orvalho nas plantas próximas à porta” (p. 62) e “O Sol — parado na metade do céu — era daqueles tão fortes que queimava se a gente se arriscasse a ficar debaixo dele na hora que a sombra das árvores e das casas era pouca” (p. 63). Além disso, neste relato, as palavras indígenas (“aguar”, “cabaça”, “cuia”, “taipa”) podem ser mais conhecidas, sobretudo se houver pessoas mais velhas no grupo.

Por meio dessas chaves de leitura, os jovens e adultos poderão se interessar pela obra e envolver-se em um universo talvez distante do que estão acostumados, o que pode representar um desafio em relação a experiências leitoras anteriores, ampliando seus conhecimentos sobre os gêneros, mas também sobre a temática, por meio da troca com outros leitores e com o(a) educador(a) mediador(a), em consonância com as habilidades necessárias para a formação do leitor-fruidor, tal como sugere a BNCC.

## Atividade **Conhecendo mais sobre nossa história**

Você pode apresentar o vídeo “A literatura indígena: conhecendo outros brasis”, de Julie Dorrico, e informar os leitores de que Julie mudou seu nome para Trudruá quando se descobriu indígena macuxi. Trata-se, portanto, de uma palestra apresentada pela organizadora (e uma das autoras) da obra *Originárias*.

Em aproximadamente quinze minutos, Dorrico fala de forma envolvente e didática sobre a importância da literatura indígena para o encontro com a própria ancestralidade e a importância de conhecermos a história dos povos indígenas.

Os posicionamentos da autora no vídeo levam a uma importante chave de leitura: as escolhas que ela faz junto com Mauricio Negro para organizar a obra, como cada re(conto) é apresentado, isto é, o texto literário seguido por texto informativo sobre o povo de origem daquela narrativa; o glossário, com a tradução das palavras indígenas, e dados sobre cada autora. É possível mostrar como, em um livro bem estruturado, tudo tem intencionalidade, a valorização da cultura desses povos, a importância de também informar sobre as histórias e povos que, muitas vezes, foram ignorados pelos livros didáticos.

Outro encaminhamento possível é a leitura do reconto de autoria de Trudruá Dorrico, “O caçador e o curupira” (p. 147), para conversar a respeito dos aspectos literários de seu texto e lançar algumas questões: como essas duas fontes, livro e vídeo, se complementam para ampliar nosso conhecimento sobre os povos originários? De que forma cada uma dessas fontes nos ajuda a compor uma ideia de Brasil, abarcando a diversidade dos povos indígenas?

## Projeto **Antologia de contos indígenas**

Este projeto consiste em convidar os leitores a conhecer as literaturas indígenas para as crianças e organizar uma antologia com as histórias escolhidas, que poderá ser doada para a biblioteca comunitária ou compor o acervo da biblioteca escolar. Vale retomar as reflexões sobre a autoria, ressaltando a importância de contemplar tanto mulheres quanto homens indígenas. Sugerimos retomar com os leitores como *Originárias* foi organizada para pensar a produção: haverá uma apresentação dos povos de cada autor(a)? E os dados de cada um(a)?

Para fazer a seleção para compor a antologia, é necessário ler e conhecer diferentes contos de autoria indígena para que o grupo tenha diferentes referências. Citamos alguns: *Contos da floresta*, de Yaguarê Yamã; *Contos indígenas brasileiros*, de Daniel Munduruku; *Nós, uma antologia de contos indígenas*, organizada por Mauricio Negro; *Eu sou macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico.

Escolhidos os contos, pode-se pensar na ordem em que aparecerão na antologia, de que forma serão apresentados e se haverá algum texto explicativo sobre os critérios de organização. Por ocasião do lançamento, pode-se planejar um sarau de leituras de alguns contos, seguidas de conversas em torno da literatura indígena. Alguns leitores podem falar a respeito do próprio percurso de leituras dos contos de autoria indígena, comentando o livro *Originárias* e sublinhando a motivação para a organização da antologia que está sendo compartilhada, abordando também sua relação com a literatura de autoria indígena e a importância de ler textos escritos por indígenas.

## Projeto **Clube de leitura** — Literaturas indígenas

Com base em *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*, sugerimos organizar um clube de leitura de outras obras escritas por mulheres indígenas para ampliar o repertório de literatura indígena de autoria feminina e aprofundar conhecimentos a respeito das autoras desta obra. A proposta é ler outras obras que dialoguem com o primeiro título, por serem obras escritas por mulheres indígenas, sendo que a maioria delas também está presente na antologia lida, como *Eu sou macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico; *O pássaro encantado*, de Eliane Potiguara e ilustrado por Aline Abreu; *A árvore do caju*, de Auritha Tabajara; *Com a noite veio o sono*, de Lia Minapoty e ilustrado por Mauricio Negro, entre outras.

É interessante estabelecer comparações entre esses textos e os (re)contos de *Originárias*, fazendo relações entre as histórias e conversando sobre aspectos da autoria. Por exemplo, ao ler as duas histórias escritas por Auritha Tabajara, o que chama a atenção em seu modo de narrar? O que podemos dizer acerca da presença do feminino no povo tabajara?

Esse Clube de leitura pode ter encontros mensais e a duração de seis meses. Na escola, a organização do Clube pode ser em trios ou pequenos grupos sob a coordenação do(a) educador(a) mediador(a). Nas bibliotecas públicas e comunitárias, vale organizar um grupo que se encontre continuamente para que seja formado um vínculo entre os participantes, reforçando a sociabilidade e o respeito às diferenças.



## RECURSOS COMPLEMENTARES

**A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam — livro  
FREIRE, Paulo. São Paulo: Cortez, 2006.

O livro traz reflexões relevantes de Paulo Freire sobre a educação e a alfabetização de adultos. Os artigos tratam da importância do ato de ler, enfatizando a compreensão crítica desse ato; da relação entre a alfabetização de adultos e as bibliotecas; e da experiência de alfabetização de adultos em São Tomé e Príncipe.

**Como eu me descobri indígena?** — vídeo

MAYA, Maryano. TEDxMacedoSalon, out. 2022. 1 vídeo (18 min).  
Disponível em: <https://bit.ly/MaryanoMaya>. Acesso em: 1 jun. 2026.

A trajetória pessoal de Maryano pode contribuir para aprofundar as discussões em torno do apagamento, pela história oficial e por tanto tempo, das histórias indígenas. Por meio de exemplos de várias situações que vivenciou, ele compartilha sua trajetória de descoberta, amadurecimento e engajamento com sua ancestralidade e sua identidade indígena.

**I Mostra de Literatura Indígena — Território das palavras ancestrais**

Museu dos Povos Indígenas (MuPI). Universidade Federal de Uberlândia (MG). Disponível em: <https://bit.ly/MostraLiteraturaIndigena>. Acesso em: 1 jun. 2026.

Mostra permanente no *site* do Museu dos Povos Indígenas que apresenta uma curadoria de obras indígenas cujos autores e autoras pertencem a um dos 305 povos originários existentes no território nacional.

**Nós:** uma antologia de literatura indígena — livro

NEGRO, Mauricio (org.). São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

Nesta antologia, organizada e ilustrada por Mauricio Negro, os leitores vão conhecer dez histórias contadas ou recontadas por escritores de diferentes nações indígenas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 1 jun. 2026.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/Lei11645>. Acesso em: 1 jun. 2026.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DORRICO, Julie. A literatura indígena: conhecendo outros brasis. **TEDxUnisinos**, ago. 2019. 1 vídeo (15 min). Disponível em: <https://bit.ly/JulieDorrigo>. Acesso em: 1 jun. 2026.

INDÍGENA ou índio: por que você não deve usar o segundo termo. São Paulo, **Portal UOL**, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/IndígenaouÍndio>. Acesso em: 1 jun. 2026.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a)**: mediação e formação de leitores. Tradução: Dolores Prades. Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emília, 2024.

NASCIMENTO, Rita Gomes do (Rita Potyguara). O ensino da história e culturas indígenas: uma questão de direito. In: SILVA, Edson; SILVA, Maria da Penha da (org.). **Ensino da temática indígena e educação para as relações étnico-raciais**. Maceió, AL: Olyver, 2021. p. 13-31.

